

PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CARTILHA “PATRIMÔNIO CULTURAL DO BAIRRO FLORESTA - BELO HORIZONTE”: desafios e potencialidades

Development process of the booklet “Patrimônio Cultural do Bairro Floresta - Belo Horizonte”: challenges and potentialities

Alda Maria Luiza Moura de Queiroz Sá dos Santos*

Sarah Dreger Oliveira**

RESUMO: O presente trabalho nasceu do processo de desenvolvimento da cartilha “Patrimônio Cultural do Bairro Floresta - Belo Horizonte”, produzida através de uma parceria entre discentes do curso de Arquitetura e Urbanismo, do IFMG - campus Santa Luzia, e do curso de Arquivologia, da UFMG. Este artigo traça um breve histórico do Floresta e busca entender, a partir da experiência de produção da cartilha, os motivos da carência de visibilidade sobre patrimônio. Bem como, a dificuldade de acesso à informação sobre o bairro, sua história e memória, por meio de documentos fiscais, fotografias antigas, plantas técnicas e outros, exponenciada pelo contexto de pandemia do COVID-19. O intuito também é fazer uma reflexão sobre a importância da educação patrimonial e seus impactos na vivência e no registro da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural; Bairro Floresta; Memória.

ABSTRACT: This paper is a result of the development process of the booklet "Patrimônio Cultural do Bairro Floresta -Belo Horizonte", which was originally created through a partnership between an Architecture and Urbanism student, from IFMG - Santa Luzia campus, and an Archival Science student, from UFMG. This article introduces a brief historic view of Floresta and outlines why there is a lack of visibility over the patrimony, as well as the difficulties to find neighborhood information, such as: its history and memory, tax data, old photographs, floor plans, and etc., and how this process was hindered by the current context of COVID-19 pandemic. This article proposes a reflection on the importance of Cultural Heritage education and its impacts on the city's living and memory.

KEYWORDS: Cultural Heritage; Floresta Neighborhood; Memory.

Introdução

A preservação do patrimônio cultural é muito importante e necessária para a humanidade, sobretudo para as comunidades que o produziram. Isso mantém viva a história de um povo, já que a memória e o seu resgate são de suma importância para a manutenção da identidade e da história de uma sociedade. Tendo isso como base e

* Graduada de Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG - E-mail: aldaluiza.moura@gmail.com

** Graduada de Arquivologia pela Escola de Ciência da Informação da UFMG - E-mail: sarahdreger.o@gmail.com

também a Carta de Atenas (CIAM, 1933), que afirma que a história é escrita através da arquitetura e tudo que deriva disso proporciona a visualização do passado, evidenciando a importância do patrimônio cultural para a sociedade.

Ainda nessa questão, precisamos ressaltar o valor da memória no processo de construção e proteção do patrimônio cultural. Dentro do campo da historiografia, a memória social (memória coletiva) é que irá permear a construção do conhecimento histórico de um lugar, de um povo. (LEROI-GOURHAN *apud* LE GOFF, 1990, p. 427) afirma que a memória coletiva se divide em cinco períodos: “o da transmissão oral, o da transmissão escrita com tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica”. Percebe-se nessa afirmativa que a memória coletiva é composta tanto de registros orais passados de geração em geração, como de registros escritos, sejam em tábuas, papiros, impressos ou eletrônicos.

Nesse sentido, Le Goff explicita dois importantes elementos da memória coletiva: o monumento e o documento. O monumento é definido pelo autor como algo que evoca o passado, sendo esse uma “herança do passado”. É um elemento que se conecta “ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (LE GOFF, 1990, p. 536). Já o documento, de acordo com Le Goff, são os testemunhos escritos da história, selecionados à

escolha do historiador”, ou seja, o historiador que irá decidir qual documento será utilizado ou não como prova dos fatos ocorridos em determinado período, retirando daqueles “tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. (LE GOFF, 1990, p. 536).

Os documentos são, portanto, partes de um passado e necessitam de um trabalho minucioso de análise, construção de sentido e reconstrução dessa história. Logo, fica evidente a importância da comunidade na reconstrução da memória, seja ela histórica ou social, e do patrimônio cultural, no processo de preservação da história do bairro Floresta, objeto de estudo deste artigo. Deste modo, e também de acordo com o site da Secretaria Especial de Cultura¹, o patrimônio cultural “diz respeito aos conjuntos de conhecimentos e realizações de uma comunidade, acumulados ao longo de sua história, que lhe conferem os traços de sua identidade”. Resumidamente, a preservação do

¹ Site da Secretaria Especial de Cultura: <http://cultura.gov.br/patrimonio-cultural/>

patrimônio cultural permite que a sociedade se identifique com o mesmo, reconhecendo a si mesma naquela história ali criada e desenvolvida.

Com isso em mente, no contexto da disciplina de “Técnicas Retrospectivas” da graduação em Arquitetura e Urbanismo do IFMG - Santa Luzia, durante uma proposta de produção de material para educação patrimonial, desenvolveu-se uma primeira versão de cartilha sobre o bairro Floresta. Essa edição precisou ser elaborada em apenas duas semanas para que cumprisse o prazo de entrega da atividade, o que a deixou mais sucinta. No entanto, ciente da potencialidade do material e da necessidade de expansão do conteúdo, uma segunda versão foi produzida, agora através de uma parceria entre as autoras deste artigo, estudantes de Arquitetura e Urbanismo e Arquivologia.

Com a integração entre a Arquitetura e a Arquivologia, que são duas áreas tão importantes e significativas na questão da preservação patrimonial, surge a nova versão da cartilha “Patrimônio Cultural do Bairro Floresta – Belo Horizonte”², a primeira a ser publicada. O principal objetivo deste projeto é de garantir o acesso democrático às informações importantes acerca do Floresta, mantendo, assim, a lembrança viva e enaltecida. A cartilha também tem a função de ser um meio de educação patrimonial, criando reflexões sobre a importância do patrimônio. Além disso, apresenta grande potencial para auxílio turístico, com indicação de um roteiro diurno e um noturno, apontando desde locais culturais e tradicionais, como a loja Bombons Lalka, até lugares mais novos, como o Mirante da Sapucaí.

Ademais, ao buscar a interdisciplinaridade entre a Arquitetura e a Arquivologia durante o processo de produção da cartilha, foi possível refletir sobre as implicações positivas da preservação patrimonial e as negativas do esquecimento da história, visando resguardar a memória.

A escolha do bairro Floresta como objeto de estudo da cartilha deriva da grande importância histórica e urbana que o bairro possui para a cidade de Belo Horizonte, desde seu surgimento até os dias atuais. Hoje, apesar de ser um bairro tradicional e majoritariamente residencial, incorporou-se ao longo dos anos uma gama de estabelecimentos comerciais e bares, indicando potencial turístico.

² Primeira versão que foi publicada da cartilha, usada para a produção deste artigo. Disponível em: <<https://www.ifmg.edu.br/portal/noticias/cartilha-desenvolvida-por-aluna-do-ifmg-retrata-o-patrimonio-cultural-do-bairro-floresta>> Acesso em: 14 set. 2020.

Outro motivo para a escolha do Floresta dentre os demais bairros da cidade foi o laço afetivo construído por nós, que moramos na região desde a infância. Logo, vivenciamos o dia a dia no bairro: estudamos na Escola Estadual Barão de Macaúbas durante todo o ensino fundamental, que é um prédio tombado pelo IEPHA, além de termos presenciado a reforma desse edifício que ocorreu entre 2012 e 2017; bem como frequentamos a Praça Comendador Negrão de Lima e os encontros de cães que ocorrem nela. Também visitamos a Rua Sapucaí para nos divertirmos e os comércios que fazem parte dos roteiros diurno e noturno da cartilha, além de passarmos diariamente por vários dos locais das fotos presentes na mesma. Portanto, crescer nesse bairro traz a necessidade de manter sua história resguardada.

A cartilha “Patrimônio Cultural do Bairro Floresta - Belo Horizonte”, ademais dos pontos citados, pretende, dentre as mais diversas formas, ser uma maneira de agregar na educação patrimonial da população em geral, que é o público alvo da cartilha. Isso porque reúne diversas informações importantes acerca do tema, ao mesmo tempo em que utiliza uma linguagem de fácil entendimento. Além disso, apresenta diversos infográficos, de maneira que facilita a compreensão de informações que são discutidas majoritariamente na academia.

A partir dos desafios encontrados para a produção da segunda versão da cartilha, viu-se a oportunidade de escrever sobre esse processo, mostrando como foi toda a construção desse projeto, além de abordar as dificuldades enfrentadas e apontar sugestões para essas.

Contextualização histórica

Projetada por Aarão Reis, Belo Horizonte foi uma das primeiras cidades planejadas do país. O projeto da capital teve influência da ordem positivista, (LACERDA, 2009), cuja filosofia deriva do filósofo francês Auguste Comte: “O Amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim”. Essa referência é vista em outras cidades no mesmo período, como Paris e Washington (FREITAS, 2007). Diante disso, os republicanos queriam construir uma cidade divergente do passado barroco, como era a antiga capital do estado, Ouro Preto, que era, e é, até os dias de hoje, uma

cidade sinuosa (FREITAS, 2007, p. 138), o que reflete uma ausência de planejamento e organização do espaço urbano, além de ecoar os ares da antiga colônia.

De acordo com Eduardo França, “Belo Horizonte foi erguida para, mais que simbolizar, marcar o projeto de modernidade republicana” (FRANÇA *apud* CALVO, 2013, p. 81)³, ou seja, a cidade foi traçada em uma malha urbana precisa, de ruas paralelas e quarteirões de medidas iguais, contornada pela Avenida do Contorno. Iglesias aponta que foi o traçado radiocêntrico que caracterizou o projeto da capital (FRANÇA *apud* FREITAS, 2007, p.139). Além disso, fazendo uma análise da influência progressista, o arquiteto e urbanista Rodrigo Andrade, em depoimento para uma matéria da Folha de São de Paulo, diz que o Parque Municipal representaria o amor; o traçado urbano geométrico a ordem; e a região suburbana, o progresso (SANTIAGO, 1997).

Reis não queria que a cidade se expandisse muito e, com isso, foi dividida em três partes: área urbana, suburbana e rural. E, contrariando o senso comum de que a cidade foi projetada dentro dessa avenida, as regiões de fora desse perímetro já constavam em planta (SOUZA & CAJAZEIRO, 2009, p. 10). A área urbana seria a região central, que foi delimitada pela Avenida do Contorno. A suburbana e a rural eram, respectivamente, as proximidades da avenida e as regiões das chácaras, responsáveis por alimentar a cidade. Entretanto, o entorno da cidade não contava com uma infraestrutura adequada, uma vez que não seria ocupada naquele momento e, portanto, poderia ser desenvolvida posteriormente de acordo com a expansão da cidade (PASSOS, 2016).

Diante do projeto, o bairro Floresta foi dividido pela Avenida do Contorno, transitando entre a área urbana e suburbana e, portanto, abrigando as mais diversas classes, desde a elite ouro-pretana, até os operários que construíram a cidade de fato, fazendo com que o bairro tivesse uma participação significativa no processo de construção desse município. Gustavo Starling⁴ reforça essa heterogeneidade de moradores do bairro no início do século XX no trecho abaixo:

³ Devido a pandemia, não foi possível ter acesso às fontes primárias.

Assim, do outro lado do Ribeirão Arrudas, surge a Floresta [...] abrigando primeiro operários envolvidos na construção da nova Capital. Depois, vieram os funcionários da Rede, os profissionais liberais, enfim toda a gente que se mudava para a Capital e se via atraída pela possibilidade de morar barato, estrategicamente próximo ao centro da cidade e em lotes com características de chácara (STARLING, 1990 *apud* SOUZA & CAJAZEIRO, 2009, p. 10).

Além disso, vários imigrantes vieram para a cidade a fim de trabalhar na construção de Belo Horizonte, sendo a maioria composta por italianos. A região suburbana foi a escolhida para abrigar esses funcionários, especialmente o bairro Floresta. Esse processo de imigração foi resultado de vários acontecimentos da época, dentre eles a grande oferta de trabalho nas grandes indústrias de Belo Horizonte e a enorme crise econômica que a Europa enfrentava no início do século XX (FREITAS, 2007).

Devido à imigração de povos europeus, a arquitetura do bairro teve presença dessas culturas, assim como a região central da cidade. É possível observar vários edifícios do bairro com influência do movimento artístico *art déco*, por exemplo. Esse movimento surgiu na Europa, principalmente na região da Itália, tendo características como arquitetura angular em V, além de simetria e entrada central (FREITAS, 2007). O casarão no início da Rua Sapucaí (figura 1) e o prédio situado na Rua Bueno Brandão (figura 2) são bons exemplos dessa arquitetura de influência europeia.

Outra construção com esse mesmo estilo é a Residência Leandro da Silva Perdigão (1915) (figura 3), que foi construída pelo arquiteto Luiz Olivieri. Olivieri participou da Comissão Construtora da Nova Capital e foi quem fundou o primeiro escritório particular de arquitetura e desenho da capital, além de ter sido um dos pioneiros ao implantar o *art déco* em Belo Horizonte (FREITAS, 2007).

Figura 1: Edifício Chagas Doria



Fonte: Alda Santos, 2020.

Figura 2: Prédio da Rua Bueno Brandão



Fonte: Alda Santos, 2020.

Figura 3: Residência Leandro da Silva Perdigão



Fonte: Alda Santos, 2020.

Graças a essa rica diversidade arquitetônica do bairro Floresta, em 1996, foi determinada a proteção do Conjunto Urbano Bairro Floresta pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte - CDPCM/BH, visando proteger a beleza e a história deste (SOUZA J & CAJAZEIRO, 2009). Hoje, o bairro possui mais de cento e dez bens tombados pelo IEPHA e IPHAN e uma gama de manifestações culturais, como os diversos eventos que acontecem na Praça Comendador Negrão de Lima e na rua Sapucaí. A história do bairro é muito rica e possui muitos bens culturais. Isso confirma a necessidade que temos de trabalhar a memória dessa região.

Processo de produção da cartilha

O processo de produção da cartilha - e também do artigo - foi bem desafiador, principalmente devido ao período em que foi produzida: a Pandemia da COVID-19, que atingiu o mundo todo. Houve muitas dificuldades, mas que deixaram a construção mais interessante. Fomos desafiadas a ver o bairro por outras perspectivas e aprofundar nosso olhar nas coisas que já conhecíamos sobre o Floresta.

Em primeiro momento, foi desenvolvida uma versão da cartilha para a atividade final da disciplina “Técnicas Retrospectivas” do quarto período do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFMG - Santa Luzia. No entanto, o prazo para entrega desse projeto era muito curto, então não foi possível colocar tudo o que foi estudado e que seria interessante de conter nela, como, por exemplo, a página da Praça Comendador Negrão de Lima, os roteiros turísticos e o acervo de fotografias.

Por sermos moradoras do Floresta e estudantes de áreas relacionadas ao patrimônio cultural, conversamos diversas vezes sobre os bens culturais do bairro e a importância da preservação de sua memória. Durante a produção da primeira versão da cartilha, trocamos conhecimentos, textos e discutimos sobre o desenvolver dessa atividade. Foi nessa ocasião que surgiu a ideia de expandir essa cartilha para além de um trabalho acadêmico, firmando uma parceria. Com o resultado positivo da experiência no desenvolver da atividade da disciplina, além do claro potencial de aprimoramento e uso do material, em março de 2020 decidimos concretizar esse projeto e escrever sobre esse processo.

Durante cerca de quase dois meses desenvolveu-se a segunda versão da cartilha com estudos mais aprofundados, identificando os desafios e potencialidades. Devido à pandemia da COVID-19 e, conseqüentemente, ao distanciamento social na tentativa de contenção da propagação do vírus, o meio de encontro para isso foi através de reuniões semanais por vídeo chamada. Nesses encontros, eram traçados os próximos passos e as tarefas eram divididas para cada uma, levando em conta as familiaridades, conhecimentos ou acesso às referências para estudar sobre. Além disso, a cada duas semanas, aproximadamente, um novo arquivo atualizado era enviado por e-mail à professora-orientadora Isadora Monteiro⁵.

Para a nova versão da cartilha, foi possível aproveitar todo o material de estudo da primeira. Também se aprimorou os infográficos e acrescentaram-se outras informações, como, por exemplo, a página dedicada à Praça Comendador Negrão de Lima. Além disso, foi desenvolvida uma linha do tempo através de fotografias do bairro, criando um vasto acervo, bem como acrescentado os roteiros turísticos com algumas categorias para os estabelecimentos que fazem parte deles, como “música ao vivo” e “comida vegetariana”.

⁵ Agradecimentos à Isadora Monteiro e à Rebecca Lodoli pelo suporte neste trabalho.

Foram apresentadas figuras importantíssimas para a cultura e história brasileira que moravam no bairro: Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. Drummond, inclusive, escreveu o poema “A Casa sem Raiz”⁶, sobre a casa em que morou no Floresta, que está ao final da cartilha junto com um retrato do poeta mineiro. Essa casa foi demolida e não foi possível encontrar fotografias dela, o que poderia ter sido evitado caso existisse um site colaborativo sobre o bairro Floresta, de forma que todos os moradores pudessem reconhecer com mais clareza a importância da região em que moram (falaremos mais disso adiante).

Devido às políticas sanitárias que restringiram o acesso às ruas e aos estabelecimentos não essenciais, grande parte dos locais foi fechada por certo período, incluindo arquivos, museus e outras instituições que seriam fundamentais para as pesquisas, o que limitou as fontes de consulta. Inclusive, algumas das referências bibliográficas precisaram ser *APUD* (citação de citação) devido à falta de acesso direto a elas, por se encontrarem em arquivos da cidade ou bibliotecas de instituições.

Durante os meses de trabalho, as pesquisas precisaram ser feitas apenas na internet, por meio de sites de arquivos, além de artigos sobre Belo Horizonte, o bairro Floresta e sobre a questão de patrimônio e de como ela é abordada no Brasil. Além disso, foram feitas entrevistas com moradores, ex-moradores e estabelecimentos do bairro, a fim de coletar informações que pudessem agregar valor ao projeto.

A parte mais difícil do desenvolvimento da cartilha e do artigo foi ter criatividade para buscar todo tipo de informação que fosse pertinente usando majoritariamente a internet. Com a impossibilidade de sair às ruas, o acesso a informações que estariam em arquivos e museus foi impossibilitado. Claro que documentos como alguns decretos, mapas, imagens e grande parte da história da região ainda foram possíveis de encontrar nos sites das instituições e outras páginas, mas uma pesquisa bastante aprofundada como havia sido planejada de início não foi possível.

Para tornar a cartilha mais atrativa e lúdica, as fotografias do bairro estão em ordem cronológica, contando sua história por meio de imagens e mostrando as alterações do espaço ao longo do tempo. Foram usadas imagens das construções dos viadutos Santa Tereza e Floresta, da Igreja Nossa Senhora das Dores e de outros pontos famosos da região, além de imagens atuais que apresentam a essência do Floresta. A

⁶ JONAL DA FLORESTA BH. *Morador mais ilustre do bairro Carlos Drummond de Andrade*. Disponível em: <<http://jornaldaflorestabh.com.br/morador-mais-ilustre-do-bairro-carlos-drummond-de-andrade-completaria-110-anos-neste-mes/>> Acesso em: 20 jun. 2020.

maioria das fotografias foi retirada de páginas do *Facebook* que contam a história de Belo Horizonte. Encontrá-las foi uma caça ao tesouro, principalmente em boa qualidade, ainda mais se tratando de imagens antigas. Foi ainda mais difícil encontrar as datas e as pessoas responsáveis por algumas fotos. Logo, essa busca pelas fotografias retrata bem a real dificuldade de acessá-las, além de suas fontes.

A cartilha foi construída de forma direta e didática, de maneira a incentivar o leitor, seja ele morador ou visitante, a conhecer mais profundamente o bairro e indiretamente seu patrimônio cultural. Sabe-se que informações como essas são predominantemente apresentadas em linguagem científica e, portanto, não são trabalhadas de forma que uma pessoa leiga consiga entender. Diante disso, o patrimônio cultural e suas abrangências são abordados de forma prática e clara na cartilha, fazendo uso de imagens, desenhos e infográficos com intuito de facilitar a compreensão e cativar o leitor e, ao mesmo tempo, despertar nele o interesse de buscar mais sobre o assunto. Assim, sensibilizar o leitor a olhar o bairro com sentimentos de proteção e preservação de seu patrimônio.

Todos esses recursos são maneiras de conectar o leitor com a memória do bairro e seu patrimônio cultural. Como apontado por Michael Pollak (1989, p. 9), a memória é “uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar”. Nesse sentido, quando a pessoa se conecta com o bairro como um todo, os traços identitários do bairro são preservados. Logo, a memória é essencial na construção identitária das próximas gerações de moradores do bairro Floresta, já que a identidade é o sentimento coletivo de se sentir pertencente a uma determinada comunidade, um sentimento de vínculo coletivo e que permite o reconhecimento da parte com o todo.

Pollak (1989) indica que as identidades se constroem a partir de visões do passado, funcionando como pontos de referência para grupos específicos, fornecendo coerência. A memória é a preservação, evocação e atualização de informações do passado, convidando a comunidade à reflexão, com a possibilidade de observar por um viés pedagógico. Esse é o exercício proposto na cartilha: reviver e reconhecer a cultura e a história daquele espaço, tratando o patrimônio cultural de forma democrática e simples.

A cartilha considera a possibilidade de identificação do indivíduo com a cultura e a história. O objetivo é fazer com que o leitor se interesse pela memória do Floresta e

por seu patrimônio cultural. Portanto, apresentam-se roteiros que indicam locais muito frequentados por moradores e visitantes, como o Mirante da Sapucaí, seus bares e restaurantes, a Igreja Nossa Senhora das Dores, o Viaduto Santa Tereza e outros pontos comerciais que fazem parte da história do local. Le Goff mostra que “a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1981, p. 419).

Conseqüentemente, quando a pessoa reconhece o nome desses lugares, citados nos roteiros, ela automaticamente se interessa e se identifica com aquele espaço, trazendo à tona possíveis momentos já vividos ali e retomando sua memória, mantendo-a viva. Como exemplo disso, após a publicação desse material, vários moradores do bairro comentaram com as autoras e/ou nas postagens nas redes sociais sobre como eles se sentiram reconhecidos ao ver a história do lugar em que vivem sendo estudada, bem como terem descoberto informações que nunca imaginaram sobre o bairro. Além disso, a cartilha despertou curiosidade em algumas pessoas que não residem na região, deixando-as interessadas em visitar os locais apresentados no projeto.

Como o objetivo é democratizar o acesso a esse assunto, a cartilha aponta maneiras de suavizar a linguagem e tornar a comunicação mais atrativa. Para isso, uma das estratégias foi o uso do infográfico. Valdenise Schmitt (2006, p. 15) diz que a “infografia possibilita uma apresentação atraente de informações consideradas difíceis de compreensão, utilizando imagem e informação, conjugadas de forma harmoniosa”. Milheiro (2013, p. 10) complementa dizendo que esse recurso “expõe um potencial que contribui para a democratização do conhecimento científico”. A partir das definições apresentadas, pode-se dizer que esse método é excelente para disseminar uma informação complexa e técnica - como é o caso das questões envolvendo o patrimônio cultural - de uma forma simples, com o intuito de cativar o público leigo.

Outro ponto importante dessa produção foi a oportunidade de conhecer mais acerca do bairro em que crescemos. Isso nos fez enxergar com outros olhos os locais que frequentamos diariamente, podendo então entender as razões desses lugares serem como são ou visualizar como já foram cultivando a nossa memória relativa ao bairro. Isso nos guiou o tempo todo, já que podíamos nos questionar como gostaríamos que as informações que estão na cartilha chegassem para nós, como moradoras do bairro, bem como quais seriam as mais interessantes para serem incluídas.

Apesar dos pontos positivos retratados, a busca por informações ficou muito limitada ao meio digital, devido à pandemia do coronavírus. Outras deficiências foram apontadas, como: o acesso à memória do bairro, a falta de investimento no meio virtual, que comprometeu o acesso às informações mais específicas sobre o bairro, e principalmente sobre seu patrimônio cultural. Tudo isso somado, dificultou o nosso trabalho.

Patrimônio cultural do bairro floresta – acesso e visibilidade

Com todas as situações que ocorreram durante o processo de produção da cartilha, como a dificuldade de encontrar fotografias e partes da história do bairro Floresta, ficou muito clara a necessidade de uma organização que dispusesse da maior quantidade de dados centralizados sobre a região. Essa poderia ser uma entidade formada por moradores para compartilhar arquivos pessoais sobre o patrimônio cultural do bairro em um repositório digital, um arquivo compartilhado, uma atualização ou uma nova coleção de registros sobre os bairros da cidade no site da PBH.

Repositório digital é uma “coleção” de informações digitais, que pode ser construído de forma colaborativa e com certo controle sobre o conteúdo disponibilizado, como o Wikipédia, por exemplo (MARTINS; NUNES; RODRIGUES, 2008). O conteúdo pode ser atualizado pelo autor, proprietário ou por terceiros. Essa opção é ideal para deixar essas informações disponibilizadas para todo o público interessado e não só os moradores.

O uso de uma rede de arquivo compartilhado seria interessante, principalmente, para a troca de arquivos pessoais entre os moradores e ex-moradores do bairro. Esse sistema, de forma resumida, possibilita disponibilizar arquivos para outros usuários pela internet. Há alguns tipos de compartilhamento de arquivos, por exemplo, o *peer to peer* (ponto a ponto), que serve para compartilhar arquivos entre computadores conectados por meio de softwares (ROCHA; BONA, 2009). Entretanto, uma indicação para informações e documentos como do bairro Floresta seria o compartilhamento de arquivos por meio de serviços de hospedagem, na qual esses arquivos ficam armazenados em um servidor privado, como drives e sistemas para armazenamento em nuvem.

O conceito de nuvem é explicado por Andrade (2015) como um formato de armazenamento em um servidor que está sempre disponível para acesso via qualquer dispositivo. No entanto, o armazenamento em nuvem não seria ideal porque nem todos conseguem acessar devido às limitações de uso, como a quantidade de usuários que podem acessar a pasta e a quantidade de megabytes disponíveis. Além disso, ainda há algumas desavenças, como a perda desses dados caso o servidor saia do ar, ou então por algum motivo a informação seja deletada por alguém e não haja um *backup*.

Considerando a importância do bairro para Belo Horizonte, e para que mais pessoas tivessem acesso a essas informações e não somente os moradores, uma sugestão interessante seria a produção de um *website* que compile a maior quantidade de dados sobre o bairro e sua cultura, assim como a cartilha apresentada. Os responsáveis por fazer esse projeto acontecer poderiam ser instituições como museus, arquivos, a Fundação Municipal de Cultura (FMC) e outros órgãos públicos, unidos com um corpo de moradores do Floresta. Todas essas informações (documentos e imagens) ficariam sob a responsabilidade de alguma dessas instituições públicas, garantindo a segurança de que esses dados não seriam perdidos por alguma falha de servidor ou afins.

Essa ação seria uma forma de reunir informações do bairro de maneira a conectar as histórias dos moradores, além de apresentar fatos históricos do Floresta para quem tivesse interesse. Além disso, o *site* poderia ser atualizado periodicamente com informações sobre seus movimentos culturais atuais. O *website* pode ser interativo, como um repositório digital, de modo que usuários possam comentar as publicações e apresentar e/ou sugerir algum fato que possa fazer parte dessa coletânea.

A participação da comunidade na construção da memória do bairro é fundamental. Quando a comunidade é convidada a pensar e a construir esses registros de memória, aliada a essas novas plataformas de democratização, como o *website*, o apagamento das narrativas sobre o bairro, assim como das informações sobre seu patrimônio cultural, começam a ser revertidos e as vozes dessas pessoas ganham espaço para contar as histórias que foram silenciadas no passado.

Um exemplo disso ocorreu quando foi feito contato com algumas pessoas para autorização de uso das fotos publicadas por elas nas redes sociais, além das entrevistas realizadas com alguns moradores. Essas pessoas se sentiram, de certa maneira, lisonjeadas, pertencentes, reconhecidas como parte do bairro e importantes por participarem desse projeto.

Durante as pesquisas foram localizados alguns sites de moradores ou ex-moradores⁷ que contam um pouco a história do Floresta, mas a maioria trata da Regional Leste de BH, abrindo brechas para abordar os bairros separadamente. Foi difícil encontrar algo exclusivo sobre o bairro Floresta. Mesmo assim, continua sendo uma forma de a comunidade tentar se sentir pertencente e ajudar os outros a se identificarem com o local e com sua história, mesmo que, em um âmbito geral, trate-se da região Leste de Belo Horizonte como um todo.

Conclusão

Considera-se que o acesso à cultura é um direito garantido pelo artigo 215 da Constituição Federal, no qual se lê:

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

- I - Defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;
- II - Produção, promoção e difusão de bens culturais;
- III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
- IV - Democratização do acesso aos bens de cultura;
- V - Valorização da diversidade étnica e regional. (BRASIL, 1988, art. 215)

Logo, podemos afirmar que é necessária a preservação do patrimônio cultural, além do acesso a discussões sobre esse. Além disso, tendo em conta o patrimônio como representação da memória e que esta vincula os indivíduos à experiências de vivências individuais e coletivas, que caracterizam a trajetória de vida, fica evidente a importância de alguma ação de educação patrimonial e preservação do mesmo vindo da esfera pública, de maneira a impedir o silenciamento das narrativas vindas dos moradores.

Tendo isso em vista, a cartilha “Patrimônio Cultural do Bairro Floresta - Belo Horizonte” espera ajudar a comunidade no acesso às discussões sobre a preservação do patrimônio cultural do bairro de uma forma democrática, discutindo assuntos científicos de forma que o público leigo entenda. Também pretende ser um instrumento de reflexão sobre educação patrimonial. Além disso, por ser um compilado de informações importantes, o leitor é instigado a refletir sobre a significância do bairro.

⁷ FOTOS ANTIGAS DE BELO HORIZONTE. Belo Horizonte, 25 maio de 2020. Facebook. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/FotosAntigasDeBeloHorizonte/photos/>> Acesso em: 25 maio 2020.

BAIROS DE BELO HORIZONTE. Disponível em:

<<https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/bairros%20da%20regi%C3%A3o%20leste-/>> Acesso em: 25 maio 2020.

A cartilha ainda apresenta recursos que despertam familiaridade com o espaço, como fotografias e roteiros turísticos que possibilitam que o leitor conheça de fato o bairro. Isso ocorre, pois, o patrimônio cultural implica sentidos de pertencimento e permanência, e preservá-lo é preservar o próprio valor do indivíduo. Todavia, a falta do acesso democrático a ele dificulta a identificação com o ambiente, o social e também com a memória.

Esta cartilha espera ajudar a comunidade no acesso às discussões sobre a preservação do patrimônio cultural do bairro de uma forma democrática, discutindo assuntos científicos de forma que o público leigo entenda. Também pretende ser um instrumento de reflexão sobre Educação Patrimonial. Além disso, por ser um compilado de informações importantes, o leitor é instigado a refletir sobre a significância do bairro.

Portanto, seria essencial o incentivo e apoio do Estado e das organizações envolvidas com a cultura e o patrimônio para criação de um *website* ou outros materiais que dispusesse dessa mesma intenção, como a cartilha “Patrimônio Cultural do Bairro Floresta - Belo Horizonte”, para a preservação do patrimônio cultural do bairro Floresta.

Referências

- ANDRADE, A. P. V. Adoção de sistemas de armazenamento de dados na nuvem: um estudo com usuários finais. *INMR-Innovation & Management Review*, v. 12, n. 4, p. 04-25, 2015.
- ARAÚJO, G. M. *Valores do patrimônio cultural: uma análise do processo de tombamento do conjunto IAPI em Belo Horizonte/MG*. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CALVO, J. Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, p. 71-93, 2º sem. 2013.
- CIAM. *Carta de Atenas*, Atenas: 1933. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.
- FREITAS, M. de A. A Influência Italiana na Arquitetura de Belo Horizonte. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte, v. 14, n. 15, p. 137-163, dez. 2007.
- FREITAS, M. de A. A Influência Italiana na Arquitetura de Belo Horizonte: um patrimônio ameaçado. *Revista de Imigração Italiana em Minas Gerais*. Disponível em: <https://www.ponteentreculturas.com.br/revista/textos_06.html>. Acesso em: 07 jul. de 2020.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA) [site institucional]. *IEPHA*. Disponível em: < <http://www.iepha.mg.gov.br/> >. Acesso em: 20 abr. de 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação* / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. Brasília-DF, 2016. 134 p.

_____. UNESCO. *Sinalização do Patrimônio Mundial no Brasil: Orientações técnicas para aplicação*. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000225618> > Acesso em: 28 mar. de 2020.

KERN, D. P. Elaboração de uma Cartilha para o Ensino Fundamental no Município de Araçongas/PR: Iniciação ao Patrimônio Cultural. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*. São Paulo. v.3, N.2. 2º semestre de 2009.

LACERDA, G. B. de. Augusto Comte e o “Positivismo” Redescobertos. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 319-343, out. 2009.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, Ana; NUNES, Manuela Barreto; RODRIGUES, Eloy. Repositórios de informação e ambientes de aprendizagem: Criação de espaços virtuais para a promoção da literacia e da responsabilidade social. *Rede de Bibliotecas Escolares Newsletter* [em linha]. N. 3 (2008). Disponível em: <https://www.rbe.mec.pt/news/newsletter3/newsletter_n3_ficheiros/page0016.htm> Acesso em: 25 jun. 2020.

MILHEIRO, Susana da C. dos S. G. *A infografia como recurso público: apetência para a história e geografia de Portugal no 2º ciclo do ensino básico*. 90 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Orientação de Bibliotecas Escolares) - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto. Instituto Politécnico da Guarda, Guarda, 2013.

PASSOS, D. A Formação do Espaço Urbano da Cidade de Belo Horizonte: um Estudo de Caso à Luz de Comparações com as Cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. *Mediações*, Londrina, v. 21, n. 2, p. 332-358, jul./dez. 2016.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

ROCHA, P. E.; BONA, L. C. E. Um Sistema de Arquivos Compartilhado em Nível de Usuário Baseado em Tabelas Hash Distribuídas. In: Workshop de Software Livre, 2009, Porto Alegre. *Anais [...]*. X Workshop de Software Livre, 2009. v. 1.

SANTANA, Gisane Souza; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant’Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA). *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 87-102, mai. 2015.

SANTIAGO, C. H. Belo Horizonte do projeto nunca existiu, diz historiadora. *Jornal Folha de São Paulo* (Caderno Cotidiano). 11 de dezembro de 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/12/11/cotidiano/58.html#:~:text=A%20gera%C3%A7%C3%A3o%20de%20Reis%20foi,%22%2C%20n%C3%A3o%20inclui%20o%20amor>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

SCHMITT, V. *A infografia jornalística na ciência e tecnologia*. Florianópolis, Tese de Pós Graduação/UFSC, 2006, pp 1-105.

SENRA, M. A cidade moderna: história, memória e literatura – Paris, Belo Horizonte. *Revista Univap*, São José dos Campos-SP, v. 17, n. 29, pp. 62-79, ago. 2011.

SOUZA, F. J. de; CAJAZEIRO, K. G. *Dossiê de tombamento conjunto urbano do bairro Floresta*. Belo Horizonte: Diretoria de Patrimônio Cultural/Fundação Municipal de Cultura, 2009.

SOUZA, J. B. de. *Bairros de Belo Horizonte: região leste*. Região Leste. Disponível em: <<https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/regi%C3%A3o%20leste-/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

STARLING, Gustavo A M et. all. *Paisagem Floresta. Belo Horizonte: I Concurso de Monografias de Histórico de bairros da Região Leste*, Secretaria Municipal de Cultura/PBH, 1990.